

DO PENSAR HISTÓRICO À NEGAÇÃO DO PÓS-TURISMO:

Ensaio crítico sobre Pós-Turismo

FROM HISTORICAL THINKING TO DENIAL OF POST TOURISM:

Critical Essay on Post-Tourism

João dos Santos Filho¹

Resumo: O presente ensaio propõe uma análise crítica do livro **O Pós-Turismo**, do mexicano Sergio Molina. Inicialmente, destacamos os métodos funcionalista, estruturalista e do materialismo histórico como instrumentos capazes de interpretar a realidade turística, mostrando seus avanços e limites, para, em seguida, discutir o conceito de pós-modernidade e o surgimento do sufixo “pós”. Assim, poderemos iniciar a discussão em torno do pós-turismo e explicitar o método utilizado por Molina para criar tal conceito e demonstrar como o mesmo contribui para o empobrecimento científico e acadêmico da teoria do Turismo, evidenciando que tal conceito aplica-se como uma construção voltada para o mercado e não para o saber turístico.

Palavras-chave: Turismo. Teoria do Turismo. Pós-Turismo. Funcionalismo. Neoliberalismo.

Abstract: This essay is a review of the Mexican Sergio Molina book **The Post-Tourism**. Initially, we point out the roots of functionalist, and historical materialism methods as tools capable of interpreting tourism reality, and also showing their progress and limits. After this we discuss the concept of postmodern and the emergence of the prefix "post". Then we can start the discussion on Post-Tourism and explain the method used by Molina to create the concept and demonstrate how it contributes to the impoverishment of scientific and academic theory of Tourism, showing that this concept refers to the market and not for the tourist knowledge.

Keywords: Tourism. Theory of Tourism. Post-Tourism. Functionalism. Neoliberalism.

¹ **João Santos Filho** - Mestre em Educação. Bacharel em Ciências Sociais/PUC-SP e em Turismo/Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas. Professor da Universidade Estadual de Maringá/PR.

... termo “moderno” se caracteriza pela tendência a cancelar a dimensão sócio-histórica, a serviço dos interesses dominantes da ordem estabelecida. Nesse espírito, as definições de “modernidade” são construídas de tal maneira que as especificidades socioeconômicas são apagadas ou deixadas em segundo plano, para que a formação histórica chamada de “sociedade moderna” nos vários discursos ideológicos sobre a “modernidade” possa adquirir um caráter paradoxalmente *intemporal* rumo ao futuro, em virtude de sua contraposição, exagerada de modo acrítico, ao *passado* mais ou menos distante (MÉSZÁROS, 1996, p. 29).

COMENTÁRIOS INICIAIS²

Os centros de estudos e investigação que desenvolvem trabalhos científicos sobre o fenômeno do Turismo, bem como a produção bibliográfica disponível, são marcados pela matriz idealista do positivismo, mesclada às correntes sociológicas do funcionalismo e do estruturalismo. Haveria certa tendência teórico-filosófica hegemônica, que trataria o fenômeno do Turismo no campo da negação ao movimento histórico, isto é, fora das contradições da sociedade capitalista. O colocam no campo funcionalista do equilíbrio e da harmonia nas relações sociais ou o tratam como circunscrito em termos espaciais e organizacionais, priorizando modelos de gestão. Significa dizer que reproduzem um discurso descolado da realidade econômica, política e social brasileira, quando não, permeado por um estrangeirismo etnocêntrico explicativo, inculcado por meio de uma historiografia globalizada e determinante como explicativa do fenômeno turístico. Ouriques (2005, p.69-70) comenta essa questão, afirmando que existiria: (a) o predomínio de modelos analíticos que não tentam verificar a complexidade de um tema; (b) a ausência de busca da compreensão das controvérsias científicas sobre o tema; (c) a massificação de um discurso dominante,

² Versão inicial deste ensaio foi apresentada no VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, realizado de 20 e 21 de setembro de 2010, na Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo

ideologicamente pró-turístico, absorvido sem nenhuma análise em pesquisas acadêmicas; (d) a reprodução de “paradigmas” dominantes e não a produção de novos conhecimentos sobre o tema Turismo.

Ampliando as referências de Ouriques, acrescenta-se que, havendo a predominância de modelos analíticos dentro dos princípios positivistas, os dados empíricos tendem a ser supervalorizados no estudo das relações humanas, incessantemente buscando entender o que seria a fraternidade e solidariedade entre os indivíduos. Na luta por respostas lógicas para explicar e intervir no mundo físico priorizam regularidades e constâncias nos fatos sociais. Essa singularidade axiomática está na essência do método funcionalista, preparado para estudar objetos com alto grau de estabilidade e permanência e, portanto, induzindo a explicar o fenômeno social a partir dos princípios das ciências biológicas e físicas. Segundo o sociólogo Florestan Fernandes, o funcionalismo:

É uma análise que tem por objeto descobrir e interpretar as conexões que se estabelecem quando unidades do sistema social concorrem, com sua atividade, para manter ou alterar as adaptações, ajustamentos e controles sociais de que dependem a integração e a continuidade do sistema social em seus componentes nucleares ou como um todo (FERNANDES, 1978, p. 281-282).

Na verdade, o método funcionalista, apesar de sua essencialidade como capaz de descrever o cotidiano dos fatos sociais e, portanto, em muitos casos ser adequado para produzir belíssimas análises da realidade, possui limitações quanto a perceber a dinâmica histórica da sociedade e suas contradições, por isso a sua leitura do Turismo vem acompanhada de uma visão conformista e estática. O funcionalismo teve ampla aceitação junto à antropologia e seus estudos etnológicos, estendendo-se para as outras ciências, cujo objetivo era o de captar as regras explicativas e as funções do cotidiano de uma sociedade ou grupo social.

A obsessão pelas regularidades e pela função dos fatos sociais está ligada à necessidade de eliminar (negar) as conexões causais, para que a idéia de estabilidade se explicita em sua plenitude. A leitura do Turismo feita a partir do funcionalismo atende aos interesses do capital, para sua reprodução, mercadologicamente associado à empregabilidade e ao mito da competência, amarradas na idéia fascista de empreendedorismo³. No mesmo viés, coloca-se a idéia de sustentabilidade. A

³ Existe uma processualidade histórica explicativa para o aparecimento hegemônico do conceito de empreendedorismo no âmbito da economia neoliberal, que acaba contaminando toda e qualquer relação social. Essa ideologia empreendedora ganha corpo e espaço dentro do sistema econômico mundial em razão da cristalização de um *modus-operandis* do capital; desemprego estrutural e crônico em decorrência dos fatores de avanço tecnológico no campo da informação, telecomunicações e do gerenciamento, que acabam suprimindo empregos no conjunto das diferentes cadeias produtivas. Com isso, a classe operária vê enfraquecer a luta de classe; depara-se com o fim do emprego, o que a leva ter como única "opção" o estabelecimento de um negócio próprio. Na verdade esse "falso" avanço do conceito de empreendedorismo nos países da América Latina e especificamente no Brasil é resultado da crise econômica e política do capital e não, como diz Schumpeter, do poder inovador do homem em criar coisas novas para o desenvolvimento da economia. Assim, o desenvolvimento e modismo do empreendedorismo ressurgem como elemento salvatério da sociedade contemporânea, pois é reflexo da crise do *capital* na qual leva o indivíduo a se aventurar a ser empresário, por impossibilidade de ser assalariado.

interpretação funcionalista do Turismo, que defende a possibilidade de uma sustentabilidade rentável e não predatória, aproveita a origem do conceito na ecologia, para atender aos interesses de sua expansão no conjunto da lógica do capital, colocando em suspensão as contradições da sustentabilidade. Quando a idéia de sustentabilidade é transferida da ecologia para o Turismo, explicita-se um processo no qual os interesses do capitalismo, na lógica de mercado e do acúmulo de capital, são hegemônicos.

O Turismo, sob a lógica funcionalista, é explicitado como fenômeno harmônico e equilibrado, que integra e propaga a idéia de paz entre os homens, insinuando ideologicamente a noção de que o seu desenvolvimento e avanço se daria sem ocasionar traumas e rupturas para com as populações locais. Para contrapor aqueles que adotam a leitura do método funcionalista para entender o Turismo, Ouriques escreve que:

A ideologia do turismo, ao reservar à periferia em geral e ao Brasil em particular a função de servirem de "colônia de férias" dos habitantes dos países centrais, acaba reforçando a máxima da disponibilidade colonial: de que existimos para satisfazer as necessidades metropolitanas, agora como "museus vivos", serviços, paisagens maravilhosas e fontes de prazer sexual. É por isso que o turismo é uma forma de fetichismo e de dependência (OURIQUES, 2005, p. 141).

O Turismo surge, então, como sendo capaz de trazer de volta o equilíbrio e a harmonia perdida da sociedade capitalista, adquirindo a característica de poderes *salvatérios*⁴, adequada para, na perspectiva

⁴ Como se o fenômeno turístico possuísse poderes providenciais, para resolver questões terrenas e que a harmonia e o equilíbrio imperassem diante dos interesses do capital. e resolvessem suas contradições.

do mercado, mas não na perspectiva do turista e do nativo, mostrar a sociedade em estado de equilíbrio e congelamento, atingindo a paz social e a solidariedade entre as classes sociais, parceiras na busca por atingir o progresso e o desenvolvimento. A contradição é tida como uma patologia a ser resolvida com uma nova regra social, que retome o equilíbrio e a harmonia do sistema. Assim, o turismo mercador, para ser implantado na lógica dos interesses globais, recusa as contradições estruturais e adota a posição metafísica e fenomenológica de abraçar a realidade segundo os interesses do capital e das ditas leis de mercado, mas fragilizando quaisquer interesses em prol de um Turismo sustentável, equilibrado, harmônico.

O estruturalismo, por sua vez, na pessoa de Max Weber, desenvolveu a concepção lógica do tipo ideal, em que os conceitos são uma construção *a priori* decorrente do modelo estrutural proposto e racionalmente construído. É com essa visão que se faz a leitura do Turismo dos megaempreendimentos, como os resorts, apresentando-os como modelos infalíveis de sucesso. O método estruturalista também separa a história das relações causais e cuida do tipo ideal, construído mentalmente. Exemplo é o livro do professor Carlos Mário Beni, *Análise Estrutural do Turismo*.

Os métodos funcionalista e estruturalista são instrumentos fundamentais para o entendimento da realidade e produziram estudos primorosos sobre o homem e a sociedade. Com um arcabouço teórico e filosófico constituído, permitem entender a importância destes instrumentos explicativos para entendimento da realidade sem, contudo, se aproximar ou situar no movimento da história. Apesar da tendência epistemológica apresentada pelos dois métodos, os mesmos atuam de

forma distinta e fazem a leitura do Turismo em campos diferentes, embora ambas as “teorias expostas apresentam em comum a mesma tendência a eliminar do campo da análise a pretensão de compreender a realidade social como algo *concreto*” (FERNANDES, 1978, p. 96). O professor Florestan Fernandes refere ao conceito de *concreto* utilizado por Marx em seu artigo “Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar”, em que trabalha de forma comparativa o método Positivista e o método do Materialismo Histórico.

APROXIMAÇÃO AO TEMA

Para iniciar, não poderíamos deixar de ressaltar a importante contribuição literária realizada pelos colonizadores do Brasil que, por meio de cronistas portugueses, espanhóis religiosos, historiadores, intelectuais e leigos, e pelos próprios literatos locais, “crioulos”, que contribuíram para a compreensão da realidade histórica, política, econômica e social da América Latina, mesmo que plasmados no etnocentrismo e na inferioridade da raça, vista como no campo do exótico, do excêntrico, do anormal, do exuberante e primitivo. Destacam o colonizador como o salvadores daqueles que viveriam como bestas-feras, isto é, fazendo a leitura da realidade segundo valores e preceitos de sua cultura. São estudos valiosíssimos para a reconstituição da história da humanidade, pois a riqueza de detalhes do cotidiano dessas populações permite melhor aproximação da verdade.

Os estudos por eles produzidos são ricos em descrições, verdadeiros tratados etnográficos à serviço da historiografia latino-americana e do desvendar de uma história contada segundo o prisma mais próximo da população nativa. Apesar, desses estudos, estarem comprometidos com o pensamento preconceituoso dos exploradores, são verdadeiros destemunho

documental da riqueza social dos primeiros habitantes da América Latina.

Desde o século XVI⁵ surgiram contribuições literárias que despontaram para a sinalização de uma Ciência Social autóctone, como os escritos do “Inca’ Garcilaso de la Veja (1539-1616), hijo de una noble inca y de un conquistador español, autor de *Los Comentarios reales*, inapreciable y emotivo documento del imperio inca de América del Sur” (FRANCO, 1983, p.22). Até as cartas de *Las Casas* são, indiscutivelmente, preciosidades da literatura hispano-americana.

A cultura Inca criou um patamar civilizatório em muitos casos superior ao do Velho Mundo: no teatro, no baile, na dança, no canto, na escultura, na escrita e nas ciências em geral, em que a ritualidade movimentava o cotidiano das pessoas. No setor da astronomia e da medicina, a civilização europeia descobriu que o Novo Mundo não era primitivo e idílico como Marco Pólo, Cabral ou Colombo, de uma forma ou outra, referem em suas cartas e relatos de viagens, mas sim, avançadíssima no campo das ciências em geral.

No que se refere ao mundo Maia, sua grandeza literária é impressionante. A descoberta do *Popol Vuh*, livro sagrado dos Maias, colocou para conhecimento do Velho Mundo a riqueza e diversidade cultural do povo Quiche, pois o livro, escrito entre 1545 a 1555, relata os mitos de

criação do universo, do homem as guerras e menciona os estragos da conquista espanhola. O *Popol Vuh* é de importância fundamental para a historiografia da América Latina, pois permite que os historiadores escrevam sobre o Novo Mundo sem visões etnocêntricas e preconceituosas. Como também, demonstra a existência de uma literatura nativa próspera e extremamente descritiva no que se refere à cultura local.

Se as produções históricas da América Latina colonial, descolada da influência espanhola, começam com os Maias em 1545, elas avançam com os escritos da freira mexicana Juana Inês de La Cruz, de 1679, e com outros escritores que a sucederam e que enriquecem a literatura latina com diferentes estilos e temáticas, buscando uma identidade própria que reflita a força da idiosincrasia mexicana ímpar e específica muito particular e ao mesmo tempo de base universal, recompondo as inúmeras essencialidades que compõem os povos latinos.

A Europa acaba tendo que readequar seus mitos durante o processo de dominação, que custou aos impérios, Inca, Maia, Asteca e até ao Guarani, uma série de conflitos políticos internos, acelerando a decadência de uma aristocracia local, de origem europeia, que se debatia entre manter seus privilégios feudais ou aderir ao padrão de vida burguês. O Velho Mundo esgotou em suas colônias os veios de ouro e prata que estavam nos riachos e aluviões, para posteriormente devastar madeiras nobres como o Pau Brasil; levou e incorporou em sua gastronomia frutas, legumes e alimentos tidos como exóticos. Fazendo do “gentio da terra” escravos, antes de optar pelo africano, que os europeus viam como mais forte e superior para os trabalhos pesados.

Os anos de domínio espanhol não retiraram a capacidade do povo latino, e principalmente o mexicano. O aparecimento de ideólogos nacionalistas,

⁵ As civilizações Maia, Inca e Asteca por razões já conhecida pela historiografia mundial, tiveram suas culturas simbólica e material esmagada pelos colonizadores. Retomando-se, assim, o processo de recomposição de uma cultura já transfigurada iniciado pelos cronistas como Frei Bernardino de Sahagún e Bartolome de Las Casas, que souberam retratar os hábitos e a conquista do império Inca, que de forma mais contemporânea serviram de base para os grandes cientistas sociais modernos como: Rodolfo Stavenhagen, Pablo Gonzáles Casanova, Leopoldo Zea, Vicente Lombardo Toledano.

de identidade crioula, levou à luta pela unidade de seus descendentes. Eles reforçaram a organização popular até para a guerra de independência, pois não podemos esquecer que esses personagens foram frutos do massacre do movimento popular ocorrido na história mexicana: “[...] México, ao contrário do conjunto dos outros países da América Latina, a revolução é, a princípio, popular. O movimento é esmagado pela aristocracia crioula, que se apressa em recuperá-la em seu proveito” (JOSET, 1987, p.18).

Com isso podemos dizer que o povo mexicano, apesar do estancamento e destruição do movimento popular por parte de uma aristocracia crioula e espanhola, nunca deixou de expressar para o mundo sua riqueza nas reflexões de questões que afetam a sociedade latina americana, em seus aspectos históricos, políticos, econômicos e culturais. Como é o caso do poeta e ensaísta, Octavio Paz, Premio Nobel de 1990.

Nossa intenção é demonstrar que a produção mexicana, por autores locais ou que vivam no país, no campo das ciências humanas, é reconhecida e apresenta no estudo do Turismo uma contribuição importante para sua episteme. Entre os autores que assim despontam, conhecido dos intelectuais brasileiros, está Sergio Molina, que registra uma contribuição substancial para o estudo do Turismo. Por essa razão, o presente ensaio propõe uma leitura crítica do seu livro *O Pós-Turismo*, pois essa obra difere das demais e, a nosso ver, apresenta sérios limites teórico e filosófico, que merecem reflexões.

Cabe trazer a público os embates acadêmicos que permitam que outros intelectuais avancem na discussão da ciência do Turismo, pois entendemos que o debate aberto, respeitoso, democrático sobre as diferentes leituras epistemológicas existentes, leva a melhor compreensão da realidade. Além disso, permite mostrar uma produção latino-americana ambiciosa na

sua consistência, para que seja pensada como independente das matrizes historiográficas de influência europeias ou norte-americanas. Esta maturidade permite o dialogar entre os próprios latinos, superando a visão etnocêntrica imposta pelos antigos colonizadores.

Dialogar teoricamente com Sérgio Molina é um privilégio e uma honra para qualquer intelectual, pois a intenção não é simplesmente negá-lo, mas sim, ajudar na compreensão científica do fenômeno turístico, para que essa questão construa um arcabouço teórico dentre as diferentes epistemologias que transitam para a explicação do objeto.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Nossa intenção não é a de desenvolver uma reflexão exaustiva sobre o conceito de pós-modernidade ou de pos-turismo, pois isso demandaria novos e complicados desdobramentos no campo da presente reflexão, mas situá-los no contexto histórico dessa terminologia, que assume um caráter extremamente debatido no interior da dimensão epistemológica das ciências humanas. Essa forte característica teórica, preocupada com ciência, transpassa diferentes campos do saber e ressurgem com entendimentos antagônicos explicativos.

Recorremos a essa referência teórica ao *pós*, por entender que a mesma é a referência teórica e filosófica contida no livro de Sérgio Molina. O surgimento desta terminologia está ligada a uma visão cósmica de futuro, que o sujeito adquire durante o processo de busca para satisfazer suas necessidades básicas e sociais. E quando não consegue satisfazer tais necessidades, o sujeito cria um ser a sua imagem e semelhança, real ou imaginário, ao qual são atribuídos poderes sobrenaturais. Entretanto, o aparecimento do termo pós-modernidade e outros *pós* quaisquer outras coisas, surgiu por vários fatores. Impossível dar conta de todos

nesse estudo, portanto, iniciamos por uma discussão acadêmica no interior da dimensão epistemológica das ciências sociais, para situar o contexto histórico da terminologia.

Em primeiro lugar, devemos compreender que para o correto entendimento do termo *pós* se faz necessário abordá-lo dentro de um processo histórico em que “as categorias não são tidas como enunciados sobre algo que é ou que se torna, mas sim como formas moventes e movidas da própria matéria: formas do existir, determinações da existência” (LUKÁCS, 1978, p. 2-3). Por isso, o professor, educador e sociólogo José Claudinei Lombardi afirma que os termos globalização e pós-modernidade se apresentam como “processos em curso”, em que a dialética das contradições se faz presente, marcando a superação do moderno de forma constante pela *práxis* humana. Completando de forma astuta seu pensamento, afirma que:

Com este entendimento, penso que os termos globalização e pós-modernidade constituem expressões ideológicas desses processos de transformação em curso e que há colossais interesses para que, por meio delas, acobertem-se as reais relações de exploração e barbárie hoje existentes e rapidamente divulgadas e quantificadas pelos recursos da robótica, da informática e das comunicações em tempo real (LOMBARDI, 2003, p.XXXIII).

Nesta citação, o autor marca uma tonalidade acadêmica de extrema habilidade conceitual, graças à leitura histórica na qual trabalha com plena e total validade universal, porque é um estudioso da educação brasileira e clarifica ao mundo científico o uso e abuso do termo pós-modernidade. Quando o associa à crise do capital, que o utiliza como dispositivo capaz de ocultar as relações de exploração, o irracionalismo e a própria barbárie do mundo da informática, no qual até as pessoas passam a serem entendidas como

virtuais. As sensações são fabricadas, o irreal é estimulado e o lúdico dos super-heróis passa a ser exigência cotidiana para crianças e adultos.

Neste sentido, marcamos nosso espaço interpretativo entendendo que o movimento histórico não pode ser detido, retardado ou interceptado, pois os sujeitos subjugam as leis da natureza, quando as conhecem, levando ao encadeamento dos fatos históricos com as leis naturais, porque são as leis dos homens que regem o processo produtivo e a vida. Porém, se faz necessário entender que conceitos são fabricados pela racionalidade humana, tendo como substrato a materialidade histórica, que vai usar de uma base teórica e filosófica na qual sustente a leitura da realidade. Isto é, não há racionalidade dissociada da base material. Significa dizer que os saberes, quaisquer que sejam, se explicitam dentro de uma expressão ideológica. A ideologia é uma entidade pura, que explicita a dialética entre a fala e a realidade na produção do cotidiano, e possui conteúdos de poder, como demonstra Lukács:

Una de las tesis fundamentales de este libro es la de que no hay ninguna ideología “inocente”. No la hay en ningún sentido, pero sobre todo en relación con nuestro problema, y muy en especial en lo que se refiere cabalmente al sentido filosófico [...] (LUKÁCS, 1978, p.4-5).

As ideologias entrelaçam a fala dos homens e exprimem a forma de ver e ser no mundo, segundo as bases epistemológicas existentes, e que surgem em decorrência do embate entre os diferentes referenciais filosóficos. A partir dessa premissa, podemos iniciar e entender as bases do pensamento de Sérgio Molina no que se refere ao conceito por ele usado de “Pós-turismo”.

O PREFIXO “PÓS”

O prefixo “pós” tem origem no latim *post*, significando após, que se firmará na realidade histórica como um conceito em destaque. Não podemos deixar de entender que o ser humano possui uma curiosidade pelo que virá, própria a sua natureza especulativa. Ou seja, o mesmo é livre para pensar o futuro. Este processo é característico e facilitador ao aparecimento e crescimento do pensamento místico e religioso que, ao mesmo tempo em que busca aprofundar, minimiza os grandes debates entre o materialismo histórico e dialético e o existencialismo. Ocultando suas reais intenções de combate incessante ao marxismo:

Em *A condição pós-moderna*, Lyotard expõe uma teoria da pós-modernidade que destaca o colapso das “grandes narrativas” (por exemplo, as do marxismo) e sua substituição pelas “pequenas narrativas” na seqüência das **tecnologias** que transformaram nossas idéias sobre o que constitui o conhecimento. Nesse ponto, a visão oferecida nesse texto concentra-se na **epistemologia** da pós-modernidade, isto é, o pós-moderno imaginado no que diz respeito à crise em nossa capacidade de apresentar uma explicação adequada e “objetiva” da realidade (EDGAR e SEDGWICK, 2003, p.255).

A idéia do pós-modernismo é ignorar o movimento dialético da história, que dá processualidade ao novo, entendendo a racionalidade como algo amplo numa sociedade em que a verdade não seria possível, daí tal conceito ser a “auto superação da razão”. Não estaríamos aí voltando ao um tipo de hegelianismo? Negar as grandes narrativas, buscando a sua fragmentação, é recusar a visão de totalidade, acusando-a de dispersante e impossibilitadora do dar conta de toda a realidade, ao não lidar com aquilo que segundo, os pós-modernistas, passaria despercebido aos marxistas: o cotidiano, a

particularidade, a parte em sua dimensão própria, as minorias e os excluídos.

Por exemplo, se o interesse no pós-modernismo limitar-se a uma celebração da fragmentação das “grandes narrativas” do racionalismo pós-iluminista, então, apesar de toda a sua efervescência intelectual, ele permanecerá um empreendimento profundamente provinciano. A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas idéias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas (BHABHA, 2003, p.23 e 24).

A literatura produzida em razão desse embate epistêmico é resultado de inúmeras outras causas, sendo a principal aquela que luta contra o verdadeiro “sistema socialista”, que por razões políticas e do avanço do irracionalismo, acabou elaborando atalhos para construí-lo como modelo imposto, não respeitando o movimento da história. Estes fatos vulgarizam a dialética marxista⁶, defendendo a mecanização do movimento da história e fragilizando a episteme do materialismo histórico e dialético, diante da literatura de esquerda, contaminando a academia com uma série de denúncias, e enfraquecendo a ideologia marxista junto aos intelectuais e centros de pesquisa. Como comenta Lukács no embate que tem com o existencialismo, em uma de suas obras:

Assim, a luta contra o socialismo torna-se, numa medida cada vez mais

⁶ Essa questão está muito bem debatida por Lukács em seu polêmico texto “Carta ao stalinismo”, publicado pela Revista Civilização Brasileira e pela revista Temas. É nesse documento que o autor refere que a metodologia utilizada por Stalin para avançar o socialismo acabou apelando para sofismas de porte pseudo teórico, num taticismo irresponsável.

considerável, a questão ideológica fundamental. É uma luta filosófica fundamental contra o materialismo dialético, isto é, tanto contra o materialismo como contra a dialética. No plano da ideologia, essa tendência significa a eliminação conseqüente de toda consideração econômica ou social (LUKÁCS, 1979, p. 45).

A visão do pós-modernismo traz em sua essência a negação do movimento da história, pois entende que não há possibilidade para a existência de nenhuma outra forma de Estado, diferente do capitalismo norte americano, que não seja totalitário. Portanto, o alarde dos pós-modernistas acarreta um retorno ao irracionalismo em que a saída da imperfeição da vida esta localizada em dois pontos;

- Destruição completa da razão pela apatia política, na qual aparece a idéia de fim da história em que “[...] todas as antigas verdades e ideologias perderam sua relevância, que os velhos princípios da racionalidade não mais se aplicam [...].”
- O combate ao marxismo, acusando-o de reducionista por classificá-lo como querendo homogeneizar a realidade e entendê-la como regida por leis naturais universais, pois “[...] crê que o marxismo seja uma estirpe particularmente virulenta, tendo por base que ele supostamente reduz a variada complexidade humana a uma visão monolítica do mundo [...]” (WOOD, 1999, p. 13).

Todas as acusações que teóricos do pós-modernismo fazem à teoria universalizante ou as idéias de totalidade, querendo com isto atingir o marxismo, têm por base o pressuposto da desconstrução. Sua base filosófica e teórica tem guarida na essencialidade do estruturalismo que volta ao mundo da academia com força total, como antídoto aos pensamentos de totalidade, pois segundo eles, só assim a

humanidade pode perceber as minorias e estudar as questões de gênero.

Nesse sentido, a formatação do pensamento de Sérgio Molina em seu livro *O pós-turismo* sinaliza a epistemologia estruturalista, reduzindo o termo “pós” a algo determinado pelo avanço tecnológico e não pela racionalidade humana, ou melhor, há um desprezo pela razão histórica e um apego à criação de modelos para entender a realidade. Esses construtos mentais de fundo idealista tentam tachar o movimento dialético e o histórico como totalitários e ligados ao determinismo das leis da natureza.

Como confirmação deste movimento para entender a realidade por meio de modelos, é só ter acesso ao pensamento de Jafar Jaffari e do próprio Sérgio Molina, que trilham suas reflexões no campo de camadas ou faces, em que o entendimento heurístico advém da mesma fonte filosófica estruturalista. Obviamente, a construção de modelos tende a desprezar a realidade histórica em sua totalidade e trabalhar com determinações sociais específicas, reduzindo a totalidade a modelos estruturais com espaços e tempos delimitados, e a uma maneira metodológica de entender determinado fato social.

Segundo o pós-modernismo, somente o discurso fora da totalidade possibilita a percepção do gênero, das minorias e dos excluídos, pois as mesmas fazem a observação do cotidiano e permanecem nas questões micros da sociedade, que acabam desmascarando os sistemas autoritários e revelando a não participação dos excluídos. Essa leitura equivocada e maldosa, feita dentro do politicismo, é uma lógica cultivada pelo neoliberalismo, que atende aos interesses do capital e molda a ideologia antirrevolucionária, avessa a toda e qualquer mudança.

ORIGENS DO PÓS-MODERNISMO

O prefixo “pós” carrega em si à noção de sinalizar um passado que necessita ser revisto e mudado, pois toda realidade é mais rica que os conceitos, portanto, estão sempre defasadas pela dinâmica da riqueza do cotidiano quando inserido na práxis social dos homens. Nesse sentido, a intenção de mudança se constitui em uma necessidade do próprio ser humano, que busca o reino da liberdade (Karl, Marx), por isso esse prefixo pode ser localizado junto à esfera cultural da sociedade, como veio difusor, que deve ser visto em uma visão de totalidade.

Não podemos esquecer que com a I Guerra Mundial o mundo espelha a sombra opaca e marcante dos valores da sociedade ocidental, questionando sua vigência, por isso, o filósofo alemão Osvald Spengler um dos ideólogos do fascismo escreve o livro “A decadência do ocidente” que segundo Georg Lukács:

El hecho de que Spengler expresara este giro del modo más radical es lo que valió a sua obra una influencia tan considerable y tan sostenida; el libro de Spengler es un documento em verdad representativo de esta etapa y, al mismo tiempo, el preludio real y directo de la filosofía del fascismo (LUKÀCS, 1972, p. 373).

Esta decretada à morte do homem, pois a racionalidade dá lugar ao irracionalismo há a intenção de montar uma ideologia universal supracientífica e anticientífica, pelos caminhos da intuição e segundo Georg Lukács em seu livro *O assalto a razão*. “Essa nova ideologia procura antes de tudo destronar a razão” (LUKÀCS, 1979, p. 54).

A origem do conceito de pós-modernismo, não pode ser discutida separadamente do termo modernismo, pois este surge como um movimento de rebeldia às condições objetivas do processo de dominação anglo-americana em todas as áreas; nas letras, artes, política e cultura, expressando o

surgimento da chamada manifestações inquietantes, que se traduzem em uma tentativa de resposta dos nativos, crioulos e ladinos que tiveram formação na Europa a uma reação de independência inspirada ainda nas escolas francesas:

É a forma literária de um mundo em transformação, síntese das inquietações e ideais de uma classe que atinge seu apogeu no século XIX e começa a declinar no século XX. [...]. Foi a forma estética de reação, no mundo hispânico, à crise da cultura ocidental. O Modernismo caracterizou-se pela pluralidade de traços estilísticos, numa relação de ambigüidade com sua época, quando o artista se sente alienado ante a cultura burguesa que o converte em instrumento (JOZEF, 1989, p. 110).

Apesar de o movimento modernista ser expressão de toda uma gama de escritores latinos, não poderia deixar de mencionar o poeta nicaraguense Rubén Darío, que usou o termo modernismo pela primeira vez demonstrando que apesar do mesmo sinalizar o “novo”, expressa certo desconforto entre os nacionais, como afirma Perry Anderson: “Ao contrário da expectativa convencional, ambos nasceram numa periferia distante e não no centro do sistema cultural da época: não vêm da Europa ou dos Estados Unidos, mas da América hispânica” (ANDERSON, 1999, p. 9).

Nesse caso, não podemos deixar de afirmar que o movimento modernista foi uma manifestação “nativa” ligada ao um tipo de nacionalismo, patriótico e que traz um retorno as raízes autóctones, ainda que influenciadas pela literatura européia, ganha espaço na América hispânica, enfraquecendo os defensores do etnocentrismo que ainda estão presente em parte da leitura da história da humanidade.

O aparecimento do conceito de pós-modernismo surgiu no mundo hispânico na década de 1930, para expressar o refluxo conservador existente no próprio modernismo, que é fonte advinda do capitalismo que tem seu auge em 1960, quando o sistema radicaliza seu lado opressivo e combate o socialismo como sistema autoritário e totalitário.

Epistemologicamente a razão rejeita as visões de igualdade e de emancipação humana numa visão de totalidade, enfatizando a diferença, as identidades e as particularidades, como sexo, raça, etnia, sexualidade. Esse repúdio a visão histórica adota a fragmentação reducionista e torna o principal secundário e o secundário principal, perde-se aí a visão de totalidade tão discutida por Karl Marx no seu texto clássico “o método da economia política”.

NEGAÇÃO DA RAZÃO HUMANA E O AVANÇO DA ROBÓTICA

A afirmação de que nossas “sociedades tecnológicas” é um “*tipo totalmente novo de sociedade*” em que “*a ciência e a tecnologia ditam*” o que acontece ao corpo social, minando por sua própria conta as instituições estabelecidas e “destruindo as bases sociais dos valores mais prezados”, é uma completa mistificação. Não pode haver um “tipo totalmente novo de sociedade” criado pelo mecanismo supostamente incontrolável e autopropulsor das descobertas científicas e dos desenvolvimentos tecnológicos (MÉSZÁROS, 1996, p.264-265).

Com a destruição dos homens históricos, aparecem sinalizados nos escritos de teóricos como de Nietzsche, Heidegger e Foucault, as bases para a criação da concepção do sujeito pela metafísica. A desconstrução do real, ou seja, entender que o processo histórico não possa ser racionalmente apreendido, só é possível quando se instaura o processo de

incognoscibilidade, aparecendo a noção de que não haveria conhecimento total possível, pois tudo se completaria num conjunto de parcialidades em potencial. Esse processo recebe a denominação de *Pós-modernidade*, no qual tudo é válido, desde que não considere o movimento teleológico da história, pois se nega por completo o movimento histórico processual da luta de classes e a noção de qualquer direção que a leis históricas possam explicitar. Essa seqüência de retorno ao irracionalismo arrasta para si a noção de Modernidade que é reflexo da:

A lógica do capital, que matriza a barbárie do capitalismo contemporâneo, é responsável também pela *barbárie do socialismo de acumulação*. O *capital* aparece e entra em rota de efetivação sob várias formas particulares, no curso da sua processualidade histórica (CHASIN, 1983, p. 23).

Por isso, o embate direto contra a história passa por uma leitura fragmentária de seu cotidiano, em que tudo que é pensado de forma particularizada, expressa a descontinuidade e o desprezo ao todo marxista, pois “instala-se a irrazão. O mediato foge à percepção da consciência, restando, exclusiva ou principalmente, o imediato. Essa é, no essencial, a origem do irracionalismo contemporâneo” (EVANGELISTA, 1992, p.35-36).

A crise do mundo contemporâneo é tanto do capitalismo como do socialismo real que, por estarem subordinados ao capital, detonam um processo de ampliação da mais-valia, esquecendo-se dos excluídos, no estudo da sociedade, pois os deixam ocultos no interior das grandes temáticas. Esta argumentação aponta como solução a possível superação da ideologia por valores que estão acima dessas banalidades de porte político-ideológico. Podemos afirmar que essa falsa compreensão do todo vem atender aos interesses da classe dominante, como bem escreve Mézáros: “É igualmente

importante sublinhar que a ilusão da autodeterminação 'não-ideológica' e a correspondente 'neutralidade' da ciência é, em si, o resultado do processo histórico da alienação e da divisão do trabalho capitalistas" (MÉSZÁROS, 1996, p. 270).

O complexo ideológico que se monta para subtrair a história dos homens, é um movimento que parte do capital e termina no capital, processo que demonstra uma falsa normalidade. O ser humano é transformando em mercadoria; é a chamamos de reificação ou coisificação. Essas duas categorias são os escudos próprios do processo ideológico, que se refletem nas práticas social e atingem a consensualidade de que o avanço tecnológico trará o desenvolvimento necessário para ultrapassar o velho e o tradicional, atingindo-se a pós-modernidade.

É nesse viés que caminha a leitura feita por Sérgio Molina para criar o conceito limitado de *pós-turismo*. Qual a concepção teórica a que ele recorre para formular tal conceito? Uma coisa sabemos, existe uma processualidade histórica para a criação desse conceito, fornecida pelos teóricos do pós-modernismo, na sua rejeição a história e um apego aos preceitos que balanceiam a metafísica de modelos ideais, como pontualmente nos mostra Mézszáros no livro já mencionado:

Para os defensores do sistema capitalista as categorias weberianas caíam do céu como um maná, pois em nome da "racionalização", do "cálculo", da "eficiência", da "tecnologia" e de coisas similares era possível provar várias idéias veleitárias como fatos estabelecidos (MÉSZÁROS, 1996 p. 124).

O PÓS-TURISMO, DE MOLINA

Com a pós-modernidade, rompe-se discursivamente com as cadeias que prendem os sujeitos aos limites da razão moderna: irracionalidade, subjetividade,

particularismos deixam de serem expressões de protesto contra todo o totalitarismo para ganhar status de elaboração e de concepção (LOMBARDI, 2003, p. XXXIII).

Desenvolvemos o presente estudo seguindo a divisão organizacional e formal dada pelo próprio Molina em seu livro *O pós-turismo* para, assim, buscar entender os fundamentos ideológicos do pensamento do autor e, no campo epistemológico, para cultivar uma postura constante de discussão teórica entre estudiosos da área e, assim, compreender melhor o fenômeno turístico. Com isso, propomos um debate puramente acadêmico, pois consideramos o professor Molina como um escritor competente e um intelectual de extrema importância nos estudos do turismo, pela sua contribuição à consolidação de um arcabouço teórico/metodológico nesse campo.

Nossa intenção é a de formar uma corrente para o debate teórico e filosófico entre os intelectuais que escrevem sobre os saberes turísticos na América Latina, buscando resgatar uma historiografia que expresse a universalidade construída com base na essencialidade de cada povo do chamado *Novo Continente*, como se referiam os colonizadores. Essa intenção só pode se concretizar quando nos voltarmos para nós mesmos e indagarmos sobre a referência feita pelo historiador, ensaísta, professor, antropólogo e militante político Darcy Ribeiro, que em um de seus inúmeros escritos, afirma:

O certo é que nossa Latino-americanidade, tão evidente para os que nos olham de fora e vêem nossa identidade macro étnica essencial, só ainda não faz de nós um ente político autônomo, uma nação ou uma federação de estados nacionais latino-americanos. Mas não é impossível que a história venha a fazê-lo. A meta de Bolívar era opor aos Estados Unidos Setentrionais os Estados Unidos Meridionais. A Pátria

Grande de Artigas, a Nuestra América de Martí apontam no mesmo rumo (RIBEIRO, 1995, p. 143).

Nosso procedimento metodológico para analisar a referida obra de Molina tem por objetivo questionar a definição de pós-turismo do autor, e propor outra interpretação teórica para o estudo desse fenômeno.

DO PRÉ-TURISMO AO PÓS-TURISMO

Molina deixa claro, que parte do pressuposto de que o avanço e a transformação tecnológica são os elementos fundamentais para a explicação do desenvolvimento do pós-turismo, porém relativiza esse entendimento, quando afirma que a “entrada de um novo limiar do desenvolvimento turístico que não pode ser explicado somente pelas tecnologias de projetos, pela qualidade dos serviços ou pela competitividade. Trata-se efetivamente de um novo paradigma que denominamos pós-turismo” (MOLINA, 2003, p. 9). O autor, apesar da tentativa de não reafirmar a premissa da tecnologia, condiciona em todo seu livro o entendimento do termo pós-turismo como sendo sinônimo de alta tecnologia, principalmente no campo da informática, qualidade total e competitividade. Este refúgio teórico no qual Molina se ampara, demonstra que sua análise restringe-se a uma visão economicista, de base existencialista, pois a existência precede a essência, ou seja, nega a razão humana e despreza a história. Este processo é decorrente de um tecnicismo ratificado por “uma nova ideologia supracientífica ou anticientífica, graças à intuição, novo instrumento do conhecimento” (LUKÁCS, 1979, p. 54).

Em outro momento afirma que o turismo é coordenado pelas grandes empresas, consórcios e pelo setor público, os quais não trabalham com modelos turísticos, mas sim, com modelos de desenvolvimento, de mercado ou de consumo em geral:

As políticas de desenvolvimento empresarial e governamental não partem do turismo, porque não se reconhece o turismo como um campo específico de estudo e análise, de maneira que os procedimentos metodológicos e conceituais que levam à prática derivam-se de outras áreas disciplinares ou provêm de outras atividades (MOLINA, 2003, p. 9).

Molina faz uma afirmação inteligente, pois o turismo acaba sempre sendo visto como algo periférico, tanto no setor privado como no público. Entretanto, esquece que quando surge como modelo para o “desenvolvimento”, mais especificamente quando liderado pelo setor governamental brasileiro, ocorrem desastres nas políticas públicas de turismo, como no caso do Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT⁷. Modelo imposto de cima para baixo, continha grande interesse político personalizado por parte do então presidente da Embratur, Caio de Carvalho, em 1996. Nesse sentido, as Políticas Públicas no Brasil, no campo do Turismo, privilegiam questões pessoais e são decorrentes de modelos importados, como foi o caso já citado do PNMT, que despreza a participação popular voluntária e crítica, desenvolvendo a lógica da negação dos conflitos em que prevalece estrategicamente a vontade dos moderadores.

Molina encaminha a adoção de modelos, como proposta para orientar as políticas de Turismo, entendendo que:

O pós-turismo não é só mais uma fase, mas uma ruptura com o turismo tradicional (o de caráter industrial com suas diferentes etapas evolutivas), que implica novas concepções e enfoques

⁷ Para o leitor poder entender tal afirmativa, sugerimos a tese de doutorado de Zilda Maria Alves Matheus (ECS/USP, 2003) sob orientação de Dóris van de Meene Ruschmann, assim como artigos de nossa autoria publicados nos sites: espaocademicco.com.br e estudosturisticos.com.br

metodologias e tecnologias, além de uma nova distribuição do papel dos governos, das empresas e das comunidades locais (MOLINA, 2003, p. 10).

Os conceitos e enfoques anteriores são negados como fatos importantes, quando Molina afirma, sem fundamento, que:

Outras forças que me permitiram caracterizar o pós-turismo se originaram em Orlando, nos Estados Unidos, um destino turístico com parques temáticos de alta tecnologia, operando em espaços semifechados e muitos deles readaptando o ambiente natural e criando cenários e manifestações culturais. Ali, as atividades turísticas foram planejadas distantes dos espaços da comunidade local (MOLINA, 2003, p. 10-11).

Molina limita a compreensão do termo pós-turismo ao puro tecnicismo estrutural da tecnologia, que trabalha de formas infinitas com o lúdico, privilegiando os meios em detrimento dos fins. Essa visão nega a história e avança para o fetichismo como um conteúdo de anti-lazer, que não reflete a emancipação mas, sim, o fortalecimento do modo de produção capitalista naquilo que ele tem de mais egoísta, ou seja, a noção de propriedade privada.

O autor afirma: "O pós-turismo é um modelo que implica um novo paradigma (valores, metodologias e técnicas) ainda em processo de desenvolvimento, análise e enriquecimento conceitual." (MOLINA, 2003, p.13). Nesta afirmação, o autor induz que entende o pós-turismo em seu movimento histórico, porém, em seguida coloca que o:

O pós-turismo não exclui as manifestações conhecidas de turismo. Tampouco trata de propor que todas as manifestações conhecidas de turismo devam evoluir até o chamado pós-turismo. O pós-turismo é uma alternativa, uma opção para as sociedades que buscam novos sentidos e soluções para

seus desafios, uma vez que procuram implementar os recursos provenientes do conhecimento e da tecnologia que produzem, acumulam e adotam (MOLINA, 2003, p.13).

A noção de algo superior e como privilégio de alguns, parece aderente a uma visão de Molina, que parte para configurar o pós-turismo como artificialismo, em que a tecnologia e a qualidade total ganham espaços dentro da visão de pós-modernidade. Coloca o turismo como algo que pode ser criado e transplantado por meio de modelos, em áreas desprovidas de qualquer perfil para tal, como foram os casos da empresa Walt Disney e do aproveitamento do deserto por Las Vegas. Nesse caso, o pós-turismo só poderia se efetivar por empresas ou países que detivessem alta tecnologia, no campo da informática. As possibilidades de criar realidades impossíveis na vida real, bem como a manipulação do lúdico, dá a esses fatores a força de manipular comportamentos de crianças, adultos e nações, inculcando idéias segundo os interesses de classe.

Etapas do Desenvolvimento do Turismo:

Molina afirma com muita propriedade que os "vários estudos que buscam distinguir as diferentes etapas do desenvolvimento turístico e empresarial [...] estabelecem que a evolução histórica do turismo pode dividir-se em períodos temporais" (MOLINA, 2003, p. 21). Isto é plenamente verdadeiro e pode ser constatado empiricamente pelas publicações, porém ele se esquece de citar a procedência e o tipo de tais estudos, em geral realizados para quantificação do fluxo de turistas, como explicita quando afirma que "em função de sucessos qualificados como relevantes, por exemplo, a criação de uma dependência estatal, a promulgação de uma lei ou a superação de um certo número *mágico* na afluência de turistas" (MOLINA, 2003, p.21).

A visão histórica de Molina segue uma cronologia evolucionista de base no crescimento econômico. As etapas são determinadas pelas mudanças na captação de fluxos e dos recursos financeiros, o que difere radicalmente de uma visão histórica dialética, preocupada com o desenvolvimento das relações de produção, em contra ponto direto ao economicismo neoliberal dos Estados que enxerga o turismo como instrumento da salvação da economia, lógica presente, por exemplo, no Plano Nacional de Turismo brasileiro que, mesmo voltado para o receptivo, tem como o objetivo criar nove milhões de empregos no país.

O autor, de forma heurística e pedagógica, trabalha com a categorização de diferentes tipos de turismo, que surgiram na sociedade, manifestando seu desconforto e afirmando de forma enfática um preconceito etnocentrista, como quando afirma:

É importante entender que os conceitos e as práticas de viagens e de férias se revelam na realidade, manifestando-se e competindo entre si. Para os países da América Latina, nenhuma delas (pré-turismo, turismo industrial e pós-turismo) é perfeita ou ideal; cada uma traz consigo custos e benefícios, enfrentando ainda ameaças e oportunidades. Cada uma delas, além de ser seu mercado é provavelmente necessária (MOLINA, 2003, p.22).

Em primeiro lugar, o surgimento de um conceito é produto de uma práxis histórica e não um construto mental weberiano, pois as relações sociais são produtos da luta de classe. Portanto ele, expressa uma universalidade que é universal e que permite ser questionada, pois busca uma validade universal para ser considerada científica. Em segundo o autor expressa toda sua visão etnocentrista, quando diz que os conceitos em “nenhuma delas [...] é perfeita ou ideal” para os países da América Latina. Poderíamos até concordar

com o autor de forma provisória, mas, ao mesmo tempo, temos a impressão de que a América Latina não teve em seu desenvolvimento histórico a sinalização do fenômeno turístico. Tal leva a pensar que tudo começou com o capitalismo ou foi produto da revolução industrial.⁸

Um dos grandes erros de Molina é partir do pressuposto de que o turismo começou com o capitalismo. Essa forma de pensar limita a compreensão do mundo dentro de suas especificidades históricas e conduz a um pensamento submisso, como se nós não tivéssemos história, pois a mesma só aparece em razão da ocupação do novo mundo.

Desenvolvimento Turístico e Empresarial: O autor inicia esta parte de seu livro com uma afirmação que identifica claramente os componentes que formam sua visão de mundo: “A **teoria** e a **prática** do turismo têm experimentado diversas etapas em seu processo **evolutivo**, entre as quais é possível identificar três grandes: o pré-turismo (*o grand tour*), o turismo (as concepções industriais) e o pós-turismo” (MOLINA, 2003, p.22).

A lógica para entender a teoria e a prática nega a noção de práxis como produtora do movimento da história, pois demonstra uma separação que só existe como conceito heurístico e, como o próprio autor afirma, são etapas de um processo evolutivo, marcado por momentos, configurando uma visão linear e não seqüencial do movimento da história. O autor apresenta o turismo em três grandes fases:

⁸ Tal assunto foi debatido no I Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, realizado pela Universidade de Caxias do Sul, nos dias 7 e 8 de novembro de 2003. Ver também artigo de minha autoria denominado “Negação do paraíso celestial e a luta pela emancipação do trabalho: a busca do reino da liberdade. Ensaio sociológico sobre o Fenômeno do Lazer em Karl Marx e Paul Lafargue” foi publicado pela revista *Turismo em Análise*, da USP, v.15, n°2, novembro de 2004.

- O pré-turismo, que identifica com o *grand tour*, ocorrido na Europa entre o século XVII e XVIII, no decorrer das revoluções industriais. Essa noção parte do pressuposto que o turismo começou com o capitalismo. Será que quando Pedro Álvares Cabral e Cristóvão Colombo chegaram à América, os nativos, que eram donos desse continente, apresentavam estágios socioculturais diferentes, que não desenvolviam atividades de lazer, ócio e não tinham tempo livre? Será que estas atividades não sinalizavam um todo mais desenvolvido, que era o fenômeno turístico? Será que os relatos descritivos pelos jesuítas sobre o Brasil e países Latinos não especificariam roteiros turísticos do século XVIII?⁹ Será que as atividades lúdicas e rituais dos sujeitos na busca pela subsistência não poderiam ser sinalizações, e se o fossem, por que partir da sua associação ao capitalismo? Será que não estamos emulados pela ideologia do colonizador e, portanto, nossa história está contaminada por uma historiografia dos pólos dominantes?

- O turismo industrial primitivo relata o autor, surge com os primeiros serviços de um pré-trade e termina no personagem de Thomas Cook, que os próprios historiadores ingleses relegam a um segundo plano. Entretanto, aparece posteriormente, com a necessidade de formatar uma historiografia universal.¹⁰

- O turismo industrial maduro, para Molina, é aquele considerado como indústria, onde

⁹ Ver João dos Santos Filho, "Ordem Régia de Censura a Roteiros Turísticos do Século XVIII: André João Antonil no Índice", publicado pelo Boletim de Turismo & Administração Hoteleira, V.10, São Paulo: UNIBERO, 2001.

¹⁰ Ver nosso trabalho "Thomas Cook: Marco da Historiografia Dominante no Turismo. Ensaio sociológico sobre o surgimento e preconceito ao fenômeno turístico na história", nos Anais do II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, realizado pela Universidade de Caxias do Sul, nos dias 10 e 11 de setembro de 2004.

o lócus máximo de sua trajetória é o deslocamento de massa, aparecendo as empresas amparadas por grupos e *holdings* internacionais. O poder público cria uma burocracia assentada em interesses de maior acumulação de capital para o país, pois toda atividade reguladora do *trade* turístico esta voltada ao turismo receptivo. Essa idéia de indústria é tão forte em Molina, que afirma: "Todo turismo industrial se baseia nas possibilidades do capital financeiro. O capital humano, as idéias, a visão do futuro, passam para um segundo plano, mas se recuperam nas fases posteriores, chegando a ocupar posição privilegiada" (MOLINA, 2003, p. 25 e 26).

Cabe a nós, como turismólogo e cientista social, indagar essa preciosa afirmação hegelianista do professor Molina, pois acreditar que localidades naturais e nativas¹¹, quando alvo de um turismo mais predador, o industrial pode ser recuperado e passar a ocupar posição de destaque. E não compreende a dimensão do ser humano e nem da sociedade capitalista, a não ser que o referido autor defenda a lógica neoliberal, em que a miséria e pobreza são naturalizadas como pontos turísticos exóticos para trabalhar com a adrenalina do turista.

O pós-turismo, segundo Molina é definido como:

[...] um novo paradigma, uma categoria histórica emergente que altera certas considerações fundamentais do turismo originado anteriormente. As tecnologias de alta eficiência e os fenômenos sociais e culturais da década de 1990 explicam o desenvolvimento do pós-turismo em contraste com princípios que alteram a continuidade dos tipos de turismo industrial (MOLINA, 2003, p.27).

¹¹ Ver nosso texto "Comunidade do Batoque luta e resiste para sobreviver aos interesses dos coronéis do Turismo", publicado em **Espaço Acadêmico**, <http://www.espacoacademico.com.br/001/01joao.htm>

Mais uma vez Molina, com toda ousadia de intelectual instigante, demonstra entender que uma categoria histórica emergente pode alterar considerações fundamentais anteriores, porém parece desconhecer que um conceito é produto do acúmulo de resquícios de formas econômicas desaparecidas. Essa lacuna em seu pensamento leva-o a não entender que, como diz Karl Marx:

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que exprimem suas relações de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acham edificadas, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, levam de arrastão desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação etc (MARX, 1982, p. 17).

Este é o motivo pelo qual entendemos que o termo “pós” tem uma concretude sinalizada historicamente, o que significa que não há alteração de continuidade dos tipos de turismo. Mas sim, novas significações surgem decorrentes do desenvolvimento das relações de produção e das forças produtivas. Porque se assim não for, a civilização padeceria de movimento e nada acumularia no campo econômico, cultural, social, político e estético, a sociedade seria um eterno começar do nada. Não negamos o avanço da tecnologia, mas entendemos a mesmo como produto de um processo de continuidade e descontinuidade histórica que não se explica por si mesmo.

O mundo exterior existe independente de nossa consciência. Pensá-lo é nossa obrigação, e quando usamos da razão conseguimos dominar as leis da natureza e colocá-la a serviço da humanidade. Por isso Marx ocupou parte de sua reflexão no método da economia política, que se mescla com a ciência da história, quando entendemos que:

As condições sob as quais os homens produzem e trocam o que foi produzido variam muito para cada país e, dentro de cada país, de geração para geração. Por isso, a Economia Política não pode ser a mesma para todos os países nem para todas as épocas históricas. Desde o arco e flecha, passando pelo machado de pedra do selvagem, com os seus atos de troca, raríssima e excepcional, até a máquina a vapor de mil cavalos de força, os teares mecânicos, as estradas de ferro e o Banco de Inglaterra, existe um verdadeiro abismo [...] A Economia Política é, portanto uma ciência essencialmente **histórica** (ENGEL, 1976, p. 127).

Esta é mais uma das muitas razões para entendermos que os homens, na trajetória de seu processo histórico, desenvolvem atividades mediadas pelo trabalho e pelo não trabalho, que surgem de maneira instintiva na luta para preservar a existência do ser humano. Portanto, os atos de não trabalho que se explicitam no princípio da civilização vêm amalgamadas pelo lúdico e rito, e diferentes tipos de lazeres mesclados pelas artes ligadas na trinômica natureza, animais e homens. Não vai haver atividade de trabalho que não esteja desvinculada do lazer no modo de produção tribal e comunal, porém, quando surge a mercadoria as atividades de lazer e trabalho se separam e se locam em oposição, pois vira mercadoria a serem consumidas.

Inacreditável mas Molina, entende com todas as letras que pós-turismo é uma etapa em que a tecnologia, o ISO 9000, a qualidade e a gestão são os princípios que caracterizam esse momento. Seu esquecimento com o turismo de inclusão e subsidiado para as classes populares é patente, pois afirma que os:

Produtos típicos do pós-turismo, como os parques temáticos de alta tecnologia, começam a registrar taxas de crescimento de seus preços ao público, que resultam maiores do que as dos

pacotes de turismo de *sol e praia*, este último considerado o produto *Padrão* dos turismos industriais (MOLINA, 2003, p.28).

Se isto é considerado pós-turismo, o enfoque esta meramente voltada para a quantidade de fluxo de visitantes e de recursos financeiros a arrecadar. Seus princípios são de ordem de caixa e nada preocupados com o turista, em seus impactos no campo cultural, social e político; a sensibilidade empresarial entende o turismo como indústria. Nesse caso, o entendimento é hostil a qualquer política de turismo, subsidiado pelo Estado para a população de menor poder aquisitivo.

O CICLO DE VIDA DO TURISMO: MUDANÇAS QUANTITATIVAS

Molina, ao abordar o desenvolvimento do turismo em nível mundial, afirma que, “na década de 1950 o turismo triplicou em relação à década anterior; nos anos 60 as correntes turísticas duplicaram em relação à década passada; nos anos 70 o número de turistas internacionais não chegou a ser duplicado” (MOLINA, 2003, p.29).

Com isso, o autor quer esclarecer que há um decréscimo no fluxo do turismo mundial e coloca uma série de interpretações, as quais podem ser questionadas. Em primeiro lugar, o turismo na sua avaliação de crescimento em curso, não pode ficar restrito a questões empíricas e de dados quantitativos, pois sua dimensão ultrapassa a aparência dos fatos, exigindo uma interpretação de base histórica. Para isso, cabe avançar à mera quantificação de dados e partir para a essência dos mesmos. É aí que se busca avançar para além de Molina.

Vejamos as interpretações do autor:

a) “O turismo enfrenta uma séria e crescente concorrência por parte de outras formas de utilização do tempo livre”

(MOLINA, 2003, p.30). Nesse caso, entendemos que Molina mantém a visão economicista do fenômeno turístico, pois o entende como um elemento capaz de ser quantificado somente em suas evidências empíricas, e o considera no mundo do tempo livre um conceito diferenciado dos demais. Essa é uma forma kantiana de entender a realidade, na qual dificulta a visão do todo e, conseqüentemente, nega a possibilidade de uma visão histórica.

b) “O turismo industrial como modelo entrou em uma fase de maturidade de produto, ou seja, encontra-se na antessala do declínio de seu ciclo de vida, requerendo, portanto, uma profunda reciclagem ou ainda uma mudança de maior alcance em sua estrutura (componentes e funcionalidade destes)” (MOLINA, 2003, p.30). O termo *turismo industrial* ratifica mais uma vez a visão de Molina, pois entende o turismo como indústria e, portanto, o mesmo deve ser medido pelo fluxo de ingressos na economia de um país.

c) “Surge, então, como uma alternativa de transcendência em longo prazo, a necessidade de transformar radicalmente o produto/serviço com a finalidade de desenvolver novas experiências, para impedir que finalmente se estanque” (MOLINA, 2003, p.30). A transformação dos produtos/serviços advém de um processo histórico e não de um ato isolada ou de uma atitude de transcendência, pois o ato transformador se dá em virtude das condições objetivas da práxis entre o objeto e o sujeito. Além do que, entendemos que a transcendência deve ser fruto da sinalização de referências históricas, produto das bases matérias, e não fruto do idealismo.

d) “O advento e a convergência de novas tecnologias poderiam oferecer opções novas no uso do tempo livre das pessoas, relegando o turismo a planos secundários” (MOLINA, 2003, p.30). É evidente que o autor entende a tecnologia como uma

entidade acima da realidade social e elemento desfigurador do fenômeno turístico, como que o mesmo, se comporta como instrumento inibidor do turismo ou que na escala social, reenquadra novos tipos de lazeres.

Em todas as interpretações está presente o entendimento de que a tecnologia determina quase que de forma autônoma, um novo tipo de fenômeno turístico, o chamado pós-turismo. Por que será que Molina trabalha com a categoria pós-turismo? É esta questão que devemos caminhar a discussão.

Molina sinaliza uma série de mudanças que ocorreram no século XX, que atingem o turismo, entre elas destaca como principal a alta tecnologia, a qual ele se refere da seguinte forma:

Consolidação de formas radicais para usufruir as férias (pós-turismo), articuladas às novas formas sociais e à emergência de culturas de alta tecnologia, que não apenas ficam impregnadas nos espaços fabris e de produção de serviços, mas também invadem a vida cotidiana – social e individual – das pessoas (MOLINA, 2003, p.33).

Ele se rende à tecnologia e a percebe como uma nova matriz para o comportamento humano. Abre, de fato, um leque infindável de encaminhamentos para entender o fenômeno turístico como algo dinâmico e processual. A atividade turística ganha dimensão e importância, congregando em seu eixo um novo elemento para o produto turístico, a *tecnologia informática* que, junto com a praia, recursos naturais e artificiais, ampliam um novo tipo de turismo. Com essa percepção o autor discute: quem controla o mercado? Nesse momento podemos perceber as bases filosóficas que contornam o pensamento de Molina. Em primeiro lugar, constata que os governos centrais detêm uma predominância sobre o

mercado, impondo direções e determinando a governabilidade civil segundo decisões pensadas pelo aparelho de Estado:

No contexto do turismo industrial, primitivo e maduro, o mercado está regulado por uma força que se sobrepõe às demais, com certa predominância: o governo central. Este analisa, propõe e instrumenta o modelo com ações próprias ou por meio da transferência de recursos financeiros ao setor privado (MOLINA, 2003, p.34).

O autor entende que o *Estado interventor*, que planificava a economia e a política do bem estar social, está superado, pois para ele o pós-turismo exige que “as decisões descentralizam-se ao extremo, multiplicam-se as instâncias de poder, manifestam-se estratégias e pautas que permeiam as idéias e os afazeres sociais em todos os níveis e dimensões”. Entretanto, entendemos que apesar desse processo de divisão de poder, que a sociedade impõe como controle, não significa excluir o Estado. O que ocorre, de fato, é que a política neoliberal nega totalmente a participação do Estado e por isso a noção de “pós” avança e caminha em todas as instâncias da sociedade.

Em segundo lugar, a idéia de “pós” indica ultrapassar o existente, ir além do capitalismo não enquanto sistema econômico, mas, sim, atender o princípio básico da expansão máxima da produção, circulação da mercadoria e tecnologia, estendendo o acesso da mesma aos vários extratos sociais, na perspectiva de ampliar o consumo e com isso minimizar a exploração, ampliando os horizontes da ampliação do capital, congelando o cotidiano revolucionário da realidade e formatando a linguagem do “pós”, como presente em todas as instâncias da sociedade. Com isto, queremos afirmar que a discussão do conceito de pós-turismo deve ser entendida em sua dimensão histórica e não como processo decorrente

da tecnologia informática, com pretende Molina. Apesar da sua insistência de querer afirmar que o conceito é fruto de “uma transformação radical, que em termos científicos poder-se-ia chamar ‘catástrofe’. [...] O pós-turismo está condicionado por uma racionalidade que ultrapassa o empirismo radical, ou seja, a simples demonstração e comprovação quantitativa” (MOLINA, 2003, p.45).

FORÇAS CONDICIONANTES DO MERCADO TURÍSTICO

Dentre as condicionantes das especificidades do mercado turístico, Molina coloca duas que parecem muito improváveis de serem alcançadas, tanto pela iniciativa privada como pela pública:

Comunidades locais que tendem a apreciar o valor de seus recursos naturais e que desenvolveram uma consciência clara sobre o papel que desempenham no futuro da comunidade; Comunidades locais que esperam do turismo não apenas uma possibilidade de emprego, mas também a oportunidade de participar das decisões sobre o tipo de turismo que desejam e o tipo de turistas com os quais estão dispostos a compartilhar seu próprio espaço (MOLINA, 2003, p.34).

Obviamente, Molina deve estar falando de um modelo ideal de planejamento turístico em que as grandes corporações, e o próprio Estado, raramente estão sensíveis às comunidades locais. O capital tem mostrado arredo a esse processo de participação popular, consulta e empregabilidade das populações residentes nos limites dos complexos turísticos. A iniciativa privada, decorrente das grandes corporações, quando se interessam por uma área para implantar um empreendimento turístico - *resorts*, hotel ou parque temático -, a decisão obedece a todo um planejamento de custos previstos e ocasionais, o famoso caixa dois.

Iniciam por adquirir o terreno, que pode obedecer ou não às leis de ocupação de áreas de preservação e de solo, dependendo do *lobby* político e econômico do grupo estrangeiro ou nacional proprietário do empreendimento. Sabemos que o interesse é por áreas geográficas de preservação, áreas nativas e áreas indígenas, e a própria Mata Atlântica parece ser dos locais preferidos pelas grandes corporações. O professor Rafael Esteve Secall faz o seguinte comentário:

Las materias primas turísticas que adquieren los países imperialistas son el sol, el mar, el paisaje costero, es decir el medio ambiente turístico, y las utilizan gratuitamente a pesar de que para su disfrute por el turista, la administración del país visitado ha tenido que afrontar los gastos de construcción de una infraestructura que, asimismo, es prácticamente gratuita para los turistas (SECALL, 1983, P. 252).

Este processo de compra do terreno pode ser extremamente dramático, se o mesmo estiver ocupado por pequenos proprietários, que podem sofrer suborno e serem literalmente enganados ou coagidos a aceitar o preço imposto pelos compradores. Em troca, as grandes corporações não adquirem só o terreno, mas o sol, a beleza do litoral; privatizam as praias e afastam as populações locais do empreendimento.

Resorts e outros empreendimentos voltados para o turismo implantam-se nos litorais pouco habitados e ignoram sua população, pois são pouco comprometidos com o lugar e com as pessoas. Quando muito, empregam a mão-de-obra barata e desqualificada e de baixo nível escolar. Pessoas das localidades turísticas são aproveitadas, se capacitadas e preparadas com treinamentos específicos, mas, para muitos empresários, não interessa tal investimento. Assim, os melhores cargos são ocupados por pessoas de fora da comunidade.

Em segundo lugar, forçam o poder público a intermediar a compra e a fazer terraplanagem e instalar saneamento básico como água, esgoto e iluminação pública, e infraestrutura viária para facilitar a chegada dos turistas. E em terceiro lugar, interferem politicamente na formatação das Políticas Nacionais de Turismo, que obedecem aos interesses das grandes corporações internacionais. Nesse caso, o turismo receptivo surge como prioridade junto às políticas públicas, o que caracteriza aquilo que o professor Secall alerta como:

Muy a menudo, las implantaciones turísticas aparecen como el resultado de una estrategia dirigida desde el exterior y desconocedora de la situación de la economía regional. Tal club o tal asociación de turismo que agrupa a docenas de miles de usuarios, va a decidir desde unas oficinas en París, Londres o Bruselas, la instalación de un camping o un centro turístico de 1.000 plazas aquí o allá, según las oportunidades de adquisición de terrenos que se le ofrezcan (SECALL, 1983, p. 313).

Parece que Molina pensa mais como consultor de empreendimento turístico do que como acadêmico, pois acredita que os interesses do capital podem proporcionar um desenvolvimento sem tramas ao meio ambiente e as populações nativas. Esquece que o capital privado determina seus interesses corporativos em detrimento da coletividade.

QUEM CONTROLA O MERCADO?

O mercado, para Molina, é conduzido e controlado pelo Estado (governo central) que analisa, propõe e instrumentaliza o modelo “com ações próprias ou por meio da transferência de recursos financeiros ao setor privado” (MOLINA, 2003, p. 34). Também afirma que, muitas vezes, “não se identifica a origem das propostas, não se

estabelece com certa clareza quem tem o controle de algumas decisões e qual é o seu sentido” (*Idem*).

Molina tem razão quando afirma que o mercado é controlado pelo Estado, mas esquece de salientar que estamos numa sociedade de classe: “O governo do estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX, 1980, p.10.). Portanto, na sociedade capitalista o Estado tem dono e este é a classe dominante, que desenvolve um processo de dominação (de classe) constante e incessante por meio de uma ideologia lapidada pelo marketing político e a inculcação aliada ao processo de emulação.

Em mais uma referência sobre a essência do Estado, Marx afirma:

[...] o Estado adquiriu uma existência particular junto da sociedade civil e fora dela; mas esse Estado não é mais do que a forma de organização que os burgueses constituem pela necessidade de garantirem mutuamente a sua propriedade e os seus interesses, tanto no exterior como no interior (MARX e ENGELS, 1976, p. 95)

Ao Estado, comandado pela classe dominante, reserva-se o papel de orientador e disciplinador de todos os elementos da economia, em sua livre concorrência. Sendo que a ingerência do mesmo, na economia, é questionada a todo instante, mesmo em ações de assistência social, ou aquelas nas quais a iniciativa privada não tenha interesse ou capital para atuar. Nesse sentido, a política neoliberal declara que a sociedade, para funcionar, deve delegar ao setor privado o gerenciamento do espaço público, para que essa política ganhe espaço e acelere a expansão do Capital. A ideologia expressa pelo grupo hegemônico inculca a idéia de que a esfera pública é deficiente, morosa, atrasada e naturalmente corrupta. Esses fatos colaboram para o descrédito quanto à atuação do Estado em diversos campos da sociedade, na educação, na saúde, no

desenvolvimento básico, na alimentação, no turismo, nos recursos minerais e na própria tecnologia de ponta.

É nesse momento que o Estado sofre um constante processo de privatização dos serviços no campo da educação e saúde, bem como ocorrem campanhas orquestradas pela burguesia nacional e internacional, de pressão para a venda de empresas públicas. No campo do turismo o processo é o mesmo. Os exemplos são inúmeros, como o Empreendetur, *Conventions Visitour Bureaux*¹² e os empreendimentos imobiliários em grande parte da costa brasileira, como o caso espantoso de *O Paradiso Laguna*, que estava sendo construído na Área de Proteção Ambiental (APA) do rio Capivara, na Bahia.

O Estado cultua, de um lado, ares de preservação, mas acaba acelerando um processo de extinção e/ou diminuição das unidades públicas que respondiam pela atividade turística, como secretarias, setores e ou divisões. Na verdade, o governo secundariza a atividade de turismo e facilita a entrada da iniciativa privada em áreas que antes eram cobertas pelo poder público. No segundo capítulo do livro *O pós-turismo*, Molina associa o termo a uma transformação radical e tenta trazer o debate para o campo da ciência, quando diz:

O pós-turismo está condicionado por uma racionalidade que ultrapassa o empirismo radical, ou seja, a simples

¹² Essa prática vem ocorrendo de forma acelerada com a implantação da "Política nacional de turismo de 2003 a 2007". Em razão desse fato, aquele trabalho que nós começamos na década dos anos 1970, em que fazíamos o discurso para que as regiões, municípios, estados e o próprio governo federal entendesse que o turismo deveria ser prioridade no conjunto das políticas públicas e para tanto, essas instâncias de poder deveriam criar suas secretarias, autarquias, divisões ou algum órgão público que se responsabiliza pelo desenvolvimento do turismo, hoje sofre o combate da criação dos *Convention Visitors Bureaux* que vem acoplado ao discurso neoliberal como a solução para o desenvolvimento do turismo.

demonstração e comprovação quantitativa. [...] discurso que se desenvolve e se aplica ao projeto dos espaços, a estilos de gestão, ao desenvolvimento de produtos e de serviços e a uma forma de utilizar o tempo livre de férias, por exemplo. É, portanto, uma racionalidade pós-estrutural (MOLINA, 2003, p.45 e 46).

Sobre o surgimento do conceito de pós-turismo, acrescenta que o mesmo aparece devido à necessidade de "desenvolvimento de um conhecimento científico que em parte se orienta para atender às necessidades do mundo interior, da realidade subjetiva dos indivíduos e dos grupos" (MOLINA, 2003, p. 46). O que significa que a razão histórica humana perde seu papel fundamental, dando lugar ao irracionalismo individual. Com isto, Molina nega a visão de totalidade e coloca a razão humana no campo do puro subjetivismo idealista. Lukács esclarece que a observação psicológica, ou seja, o subjetivismo individualista, fortalece:

A observação psicológica superficial da reflexão científica é que engendra a ilusão segundo a qual a intuição seria um instrumento independente do pensamento discursivo e destinado à compreensão das verdades superiores. Essa ilusão, que consiste em confundir um método subjetivo de trabalho com uma metodologia objetiva e que é mantida pelo subjetivismo geral próprio da filosofia do estágio imperialista, servirá, portanto de base a todas as teorias modernas da intuição (LUKÁCS, 1979, p. 51-52).

Com base neste irracionalismo, Molina entende que a tecnologia é o elemento fundamental como suporte para trabalhar com as necessidades subjetivas dos indivíduos. Isto não seria usar a tecnologia para colocar aos indivíduos um processo de despolitização? Afastando-o da realidade histórica concreta e levando-o ao mundo da subjetividade metafísica, em que

a razão é fruto da liberdade sem compromisso, com qualquer método explicativo da realidade. O que vale é os pensamentos livres desprovidos de regras, que permitem entender e compreender o eu de cada pessoa, este é o caminho que prepara os indivíduos para adotarem as leituras de autoajuda. Molina, em seu esforço para explicar o que entende por *pós-turismo* afirma:

Em um “esforço de compreensão”, algo similar poderia ocorrer com o paradigma do chamado *pós-turismo*. Este não é apenas um turismo com mais tecnologia, mas constitui um modelo que ultrapassa o anterior, que estabelece novas relações entre seus componentes e que gera produtos/serviços diferenciados em relação ao turismo. Trata-se de um novo paradigma que não deve ser analisado com a racionalidade do paradigma anterior (MOLINA, 2003, p.52).

Em primeiro lugar, Molina tenta descartar a idéia de associar o termo *pós-turismo* ao surgimento da tecnologia, mas para ele quem detém a alta tecnologia, pode desenvolver o fenômeno turístico dentro das bases do *pós-turismo*. O que nos leva a entender que esse conceito “científico” acaba negando o seu principal axioma que é o pressuposto de universalidade. Um conceito para ser considerado científico tem que ter validade universal, coisa que não verdade com o conceito de *pós-turismo*.

No entendimento de Molina, as características do *pós-turismo* seriam:

1. “Deslocamento desnecessário do local de residência” (MOLINA, 2003, p.53). Neste processo Molina está certíssimo; um dos pressupostos básicos do turismo, tidos como consagrado em todos os estudos que discutem o surgimento do mesmo, coloca o deslocamento como elemento fundamental para o fenômeno se concretizar. Esta era uma verdade já questionada, que estava amadurecendo historicamente e que se explicita como possível de desenvolver o

ato turístico sem deslocamento, pois a tecnologia permite tornar sua casa e seu computador em elementos que o substituem.

2. “Nenhum contato com indivíduos das comunidades locais” (MOLINA, 2003, p.53). Nesta frase Molina afirma que os turistas não estão interessados na aprendizagem da cultura local, mas, sim, em aventura e risco controlado pela alta tecnologia. Perguntamos: qual é o tipo de turista a que se refere? Ou melhor, que classe social pertence este turista? O indicado parece ser o turismo a classe A, pois este perde a característica de ser turista para ser coisificado e se tornar mera mercadoria, com alto valor de troca e de uso.

3. “Contatos com cenários naturais pela aplicação de tecnologias” (MOLINA, 2003, p.54). Molina se refere à construção de ambientes e sistemas fechado ou semi-fechado de entretenimento e lazer, com elevados investimentos financeiros. Novamente percebemos que o conceito de *pós-turismo* só se concretiza para as classes dominantes.

4. “Deslocamento (não confundir com eliminação) de mão-de-obra, causado pela incorporação de processos automatizados de alta tecnologia” (MOLINA, 2003, p.54). Molina parece esquecer que o processo de deslocamento de mão-de-obra não ocorre nos países emergentes ou periféricos. Mas, sim, a eliminação desses, que são sumariamente demitidos, pois o Capital necessita aumentar o acúmulo de capital e para isso, desenvolve um processo de mundialização e se expande, pois:

As multinacionais deixam que os seus parceiros subalternos, os beneficiários da franquia, suportem o peso de todos os investimentos locais e enfrentem os imprevistos das flutuações da demanda. Elas remetem totalmente aos franqueados tudo o que diz respeito aos numerosos problemas da administração cotidiana da força de trabalho. Longe de estar em contradição com a exploração

das vantagens de localização, essa forma permite alcançá-las ao menor custo e com o máximo de lucro. Boa parte das atividades ligadas à indústria do turismo (hotéis e restaurantes, cubes de férias) é intensivas em mão-de-obra; é por isso que as multinacionais do setor obtêm consideráveis vantagens por sua localização em países que combinem atrações naturais com mão-de-obra barata (CHESNAIS, 1996, p. 203).

5. “O pós-turismo não está determinado pelos recursos naturais nem pelos recursos culturais disponíveis na região” (MOLINA, 2003, p.54). Molina deixa claro que o turismo depende cada vez mais da tecnologia e que a mesma tem o poder de suplantar a natureza (praia, sol, montanha e construções do acervo cultural). O turismo produzido pelo pós-turismo parece ser produto da materialidade idealista, que seduz o lúdico dos turistas preocupados em satisfazer um egoísmo individualista, próprio do neoliberalismo.

O entendimento do conceito de pós-turismo, para Molina, portanto, está formatado dentro de uma base epistemológica estruturalista, reduzindo o termo “pós” a algo determinado pelo avanço tecnológico e não pela racionalidade humana. Ou melhor, há um desprezo pela razão e um apego à criação de modelos para entender a realidade. Esses construtos mentais, de fundo idealista, tacham o movimento dialético e histórico como totalitários e ligados ao determinismo das leis da natureza, para se defenderem.

Com esse comentário, podemos indagar: nós, latino-americanos dificilmente poderemos ter em nosso continente a aplicabilidade do conceito *pós-turismo*, em razão de não dominarmos a alta tecnologia no campo da informática. O pós-turismo estaria reservado aos países desenvolvidos? Ou esse conceito é por si equivocado? Para Molina, pós-turismo é aquele realizado nos parques temáticos,

em que a tecnologia manipula o real e leva o cotidiano das pessoas ao sabor do lúdico, que substitui a consciência da *práxis* social pelo imaginário metafísico do impossível, materializado pela fuga do mundo dos mortais para o patamar dos super-heróis. Esse apego ao mundo do irracionalismo reflete a negação e desprezo para com a razão e a história.

A sociedade não pode ser vista conforme o olho de quem a controla econômica, política e socialmente, bem como, os conceitos resultam de uma *práxis* histórica, e por essa razão Molina acabou contribuindo para o empobrecimento da definição de pós-turismo. Trazendo a compreensão do fenômeno turístico para o campo tecnicista e fenomenológico, o que vulgariza a ciência do turismo, pois coloca o mesmo num patamar de negação da dimensão histórica:

[...] a serviço dos interesses dominantes da ordem estabelecida. Nesse espírito, as definições de “modernidade” são construídas de tal maneira que as especificidades socioeconômicas são apagadas ou deixadas em segundo plano, para que a formação histórica chamada de “sociedade moderna” nos vários discursos ideológicos sobre a “modernidade” possa adquirir um caráter paradoxalmente *intemporal rumo ao futuro*, em virtude de sua contraposição, exagerada de modo acrítico, ao *passado* mais ou menos distante (MÉSZÁROS, 1996, p. 29).

Concluindo esse breve comentário a respeito do conceito de pós-turismo, não poderíamos deixar de salientar que o mesmo, conforme definido por Molina, oferece o risco da visão fragmentada e da incorporação de uma historiografia hegemônica, em detrimento a uma historiografia latino-americana, e acaba subestimando a intelectualidade regional. Por isso, terminamos com um pensamento de Luckács (1972), ao afirmar que “no hay ninguna ideología “inocente”. No la hay en

ningún sentido, pero sobre todo en relación con nuestro problema, y muy en especial en lo que se refiere cabalmente al sentido filosófico [...]” (p.4-5).

No item *Desafíos do Pós-Turismo para os Países Latino-Americano*, Molina discute o conceito, afirmando que o mesmo “nasce em países com maior grau de desenvolvimento econômico e social. Dali, historicamente pode se deslocar (e universalizar) aos países com menor grau de desenvolvimento relativo” (MOLINA, 2003, p. 55). Mais uma vez Molina reafirma que o conceito de pós-turismo não possui uma abrangência universal, mas, sim, localizada. Portanto, ao invés de conceito é, na verdade, um tipo de turismo.

O pós-turismo é, então, um turismo possível para alguns e não para todos, isto é, somente as classes abastadas é que podem exercitar esse tipo de turismo alienante, despolitizado e que aprofunda ainda mais as diferenças sociais. Mais adiante em seu livro Molina afirma:

O pós-turismo representa uma oportunidade para aprender uma nova cultura: a tecnológica. O pós-turismo estabelece uma modificação radical, um ponto de confluência emergente entre as sociedades tecnológicas mais avançadas e as da América Latina. Há que se reconhecer que o pós-turismo, como todo processo de mudança, produzirá desigualdades econômicas, sociais, tecnológicas e produtivas (MOLINA, 2003, p. 56).

Segundo Molina, o pós-turismo favorece aprender uma nova cultura: a tecnológica, que alimenta a desigualdade e a dominação do capital avançado sobre as referências econômicas locais. Libertando o Capital para reproduzir sua mais-valia em escalas mundiais. Na verdade, coloca a desigualdade a serviço do turismo *apartheid*, muito comum nos grandes *resorts* e condomínios residenciais para estrangeiros, privatizando espaços

coletivos e expulsando ou restringindo os nativos da área.

E para terminar esse ponto, Molina reafirma que o pós-turismo é um tipo de turismo a serviço dos interesses do Capital, quando diz: “O pós-turismo atrai a princípio e quase por definição grandes consórcios, empresas com um grande respaldo financeiro que lhes permita suportar altos custos de investimento em tecnologias” (MOLINA, 2003, p. 57). Por isso, esse conceito é falho em sua definição, como também, sem validade universal.

Em outro item, Molina, de forma intencional, vem abrindo caminho, para demonstrar que o conceito de pós-turismo se configura como produto das empresas capitalista, que lideram o controle e manipulação de tecnologias de informação. E que estão organizadas pelo profissionalismo globalizado: “Determinam suas estratégias de uma maneira mais equilibrada, contemplando no mix estratégico tanto suas próprias forças como as que se mobilizam no exterior” (MOLINA, 2003, p. 63). Na verdade, somente os países que detêm o desenvolvimento pleno das suas relações de produção, podem ser possuidores de patentes de tecnologias no campo da informática. Isso os torna imbatíveis no mercado, na produção de mercadoria e na criação de tecnologias de ponta, que só podem ser de acesso universal mediante o pagamento de *royalties*. Acentua, mais ainda, o processo de dependência de uma nação em relação à outra. O lazer deixa de ser espontâneo, o turismo como elemento condutor da sociabilidade deixa de ser resultado da relação recíproca com o outro, e passa a cultivar a relação com a máquina. Produzindo o turismo e lazer imbecil, alienante e irracional, como bem, salienta Molina:

Por exemplo, [...] o estádio coberto e de clima artificial, a praia artificial com ondas, palmeiras, vegetação e areia trazida do Caribe, um ecossistema

tropical que se desenvolve em um ambiente de inverno. Todo o conjunto dessas tecnologias, já disponíveis e em funcionamento permite recriar uma praia caribenha em pleno inverno do hemisfério norte (MOLINA, 2003, p. 72).

Esclarecemos ao leitor, que não somos contra a tecnologia a serviço do ser humano, como também, a existência de parques temáticos. O que somos contrários é à criação destes, descolados de qualquer projeto político-pedagógico, seja histórico, cultural e social, pois os mesmos têm uma responsabilidade educativa para sociedade. E não pode persistir o uso e abuso do Lúdico em que a razão dá lugar ao irracionalismo e provoca entre os jovens acidentes, como:

- Voar com roupas de super-heróis, já levou inúmeros jovens a acidentes fatais;
- Um processo de desculturação que pode levar a perda identidade nacional. Processo acelerado pela cultura hegemônica globalizante imposta pelas multinacionais do entretenimento;
- Processo de despolitização constante, pois as catástrofes, no mar, na terra e no ar podem ser evitadas pela aplicação do turismo sustentável.

Nesse caso, Molina parece cultivar ou dar espaço para o turismo tecnológico como elemento que acompanha a desumanização do homem e a negação do mesmo, pois ele pode ser substituído pela máquina. O que vale é fabricar sentimento, estabelecer relações cada vez mais globalizantes, e ajudar a cristalizar uma cultura apoiada em uma historiografia universal, em que as identidades se tornariam secundária, e a forma de ver o mundo é a da ótica hegemônica da classe dominante.

Em sua análise Molina esquece ou oculta de forma proposital, que as referências econômicas potencializam as relações sociais e determinam os diferentes tipos de turismo, entretanto, entre eles há algo em

comum. Todos estão vinculados no interior do valor de uso e valor de troca, isto é, alcançaram a maioria enquanto mercadoria e, portanto, é apropriado pela sociedade capitalista na relação de exploração.

VISÃO DE MUNDO DE SÉRGIO MOLINA

A formatação do pensamento do economista Sergio Molina em seu livro *O pós-turismo* sinaliza para a epistemologia de base estruturalista, pois reduz o termo “pós” a algo determinado pelo avanço tecnológico e conseqüentemente o avanço das relações de produção. E não pela racionalidade humana, ou melhor, há um desprezo pela razão histórica como atributo explicativo da realidade e um apego à criação de modelos para entender a realidade turística.

Estes modelos são construtos mentais de fundo idealista que tentam tachar o movimento dialético e histórico como totalitários e ligados ao determinismo das leis da natureza, Molina trilha suas reflexões no campo heurístico de camadas ou faces. Obviamente, a construção de modelos tende a desprezar a realidade histórica em sua totalidade e trabalhar com determinações sociais específicas e periféricas, reduzindo a totalidade a modelos com espaços e tempos delimitados e uma maneira metodológica de entender determinado fato social.

A visão de Molina, hoje se concretiza como a raiz capaz de produzir embates acadêmicos de enorme refino científica, pois as leituras que questionam as afirmações do autor estão produzindo reflexões importantes para a compreensão do turismo como ciência.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

- BHABHA, H.K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CHASIN, J. **Da Razão do Mundo ao Mundo Sem Razão**. In: **Marx hoje**. São Paulo: Ensaio, 1983.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- ENGELS, F. **Anti-Duhring**: filosofia, economia política, socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- EDGAR, A., SEDGWICK, P. **Teoria Cultural de A a Z: Conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FERNANDES, F. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- FRANCO, J. **Historia de la Literatura Hispanoamericana**. Barcelona: Editorial Ariel, 1983.
- JOSET, Jacques. **A Literatura Hispano-Americana**: São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1987.
- JOZEF, B.K. **História da Literatura Hispano-Americana**. Rio Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- LOMBARDI, J.C. Globalização, Pós-Modernidade e Educação. In: LOMBARDI, J.C. (org.) **Globalização, pós-modernidade e educação**: História, filosofia e temas transversais. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC: UnC, 2003.
- LUKÁCS, G. **El Asalto a la Razon: La trayectoria del irracionalismo desde Schellin hasta Hitler**. São Paulo.: Contexto, 1972.
- LUKÁCS, G. As Bases Ontológicas da Atividade Humana. In: **Revista Tema de Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Ciências Sociais, 1978.
- LUKÁCS, G. **Existencialismo ou Marxismo**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- WOOD, E. M. O que é a agenda “pós-moderna”? In: WOOD, E. M et al (orgs.) **Em defesa da História**: marxismo e pós-modernismo. (orgs) Ellen Meiksins Wood, John Bellamy Foster. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 1996.
- MOLINA, S. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.
- MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar. São Paulo: Abril Cultural, 1982
- MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã I**: Crítica da filosofia Alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus Diferentes profetas. Portugal: Presença, 1976.
- MARX, K. e ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: CHED, 1980.
- OURIQUES, H.R. **A produção do turismo**: fetichismo e dependência. Campinas: Alínea, 2005.
- RIBEIRO, D. O Povo Latino-Americano. In. **O Brasil como Problema**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- SANTOS FILHO, J. **Ontologia do Turismo: estudos de suas causas primeiras**. Caxias do Sul: Educus, 2005.
- SANTOS FILHO, J. O turismo em nossa latinidade: uma nova forma de colonização. In: **Turismo: enfoques teóricos e práticos**. Miguel Bahl (org.) São Paulo: Roca, 2003.

SANTOS FILHO, J. Espelho da história: O fenômeno turístico no percurso da humanidade: In. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Espanha: Instituto Universitario de Ciencias Políticas y Sociales-Universidad de La Laguna, Volumen 5, Número 1, 2007.

SANTOS FILHO, J. **Ordem Régia de Censura a Roteiros Turísticos do Século XVIII: André João Antonil no Índex**. In: *Revista Turismo em Análise*. São Paulo: ECA/USP. V 12, n.1. 2001.

SECALL, R.E. **Turismo, Democratización o Imperialismo**. Universidad de Málaga, 1983.